

Artigo / Article

"Tem um mentiroso aqui!": configurações erísticas do debate televisionado entre candidatos à presidência do Brasil em 2022

*'There's a liar here!': eristic configurations of the televised debate
between candidates for Brazil's 2022 presidential election*

Isabelle Fonseca Bezerra 

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
isabellebezerra1234@outlook.com
<https://orcid.org/0000-0001-7977-9157>

Renan Mazzola 

Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
mazzola.renan@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-4124-3522>

Recebido em: 12/12/2023 | Aprovado em: 03/05/2024

Resumo

A corrida presidencial de 2022 no Brasil foi marcada por uma forte polarização. Partindo disso, o presente artigo busca identificar e descrever as estratégias erísticas mobilizadas nas interações do debate televisionado da Band no segundo turno das eleições de 2022, mais especificamente a utilização dos argumentos do tipo *ad hominem* e *ad personam*. Esta pesquisa insere-se nos campos de retórica e argumentação, com enfoque nos autores Aristóteles (2005), Schopenhauer (2009), Mateus (2018) e Amossy (2020). Como metodologia, o artigo possui caráter bibliográfico-documental, de natureza descritiva e explicativa. Por fim, os resultados das análises apontam para o emprego frequente, nesse debate, dos ataques *ad hominem* e *ad personam*, com o objetivo de desacreditar o adversário por meio de estratégias diversas, como o recurso aos dados, a aproximação a atos condenáveis, o manejo estratégico do discurso relatado, entre outros procedimentos, revelando uma variedade de diferentes maneiras de realizar o ataque pessoal para além do que foi postulado por Schopenhauer em seu *Tratado sobre a Erística* (2009). Dessa forma, foi exposta uma interação fortemente adversarial e polarizada em torno de convicções pré-estabelecidas, sendo esses os elementos erísticos que configuraram, de um modo geral, os debates de 2022.

Palavras-chave: Retórica • Argumentação • Lula • Bolsonaro • Eleições

Abstract

The 2022 presidential race in Brazil was marked by intense polarization. Based on this, this paper seeks to identify and describe the eristic strategies mobilized in the interactions of the Band's televised debate in the second round of the 2022 elections, more specifically *ad hominem* and *ad personam* arguments. This research falls within the fields of rhetoric and argumentation, focusing on authors Aristotle (2005), Schopenhauer (2009), Mateus (2018), and Amossy (2020). As a methodology, the paper is a bibliographic-documentary research of descriptive and explanatory nature. Finally, the results of the analysis indicate the frequent use, in this debate, of *ad hominem* and *ad personam* attacks, intending to discredit the opponent through different strategies, such as the use of data, the approach to reprehensible acts, the strategic management of reported speech, among other procedures, revealing a variety of different ways of carrying out the personal attack beyond what was postulated by Schopenhauer in his *Treatise on Eristics* (2009). In this way, a strongly adversarial and polarized interaction was exposed around pre-established convictions, these being the eristic elements that shaped the 2022 debates in general.

Keywords: Rhetoric • Argumentation • Lula • Bolsonaro • Elections

Introdução

De acordo com o teórico Samuel Mateus (2018, p. 52), “A Erística é a arte da controvérsia, uma actividade polémica onde se procura vencer um litígio destruindo os argumentos do adversário em vez de buscar a verdade ou o entendimento acerca de um assunto”. Considerando então a eleição presidencial e os debates verbais que permearam essa disputa altamente polarizada, os exercícios discursivos de natureza erística se intensificaram em 2022. O segundo turno das eleições de 2022 foi protagonizado por Jair Bolsonaro, do Partido Liberal (PL), e Luiz Inácio Lula da Silva, representante do Partido dos Trabalhadores (PT), dois candidatos que se posicionam como a antítese um do outro e que efetivamente representam dois lados do espectro político a partir dos quais a população do Brasil se encontra fortemente dividida.

Enquanto o presidenciável do Partido Liberal defendia uma agenda conservadora e neoliberal, o seu oponente petista se situava como uma opção de viés mais progressista quanto aos costumes e de inclinação maior à intervenção estatal na economia. Ademais, para além dessas diferenças de bandeira política, os dois candidatos não esconderam nutrir pouca admiração pessoal pelo oponente, trocando continuamente insultos que, partindo dos temas da corrupção e do combate à pandemia de Covid-19, questionavam continuamente a índole um do outro.

Considerando assim a natureza inerentemente acalorada das interações entre esses dois candidatos políticos nos debates de 2022, formulamos a seguinte pergunta de pesquisa: quais estratégias erísticas foram mobilizadas nas interações argumentativas do debate presidencial da Band do segundo turno das eleições de 2022?

LINHA D'ÁGUA

A escolha pelo gênero debate se justifica pela visibilidade que ele adquire nas candidaturas, sendo transmitido pelas principais emissoras de televisão e apresentando altos índices de audiência. Esses tipos de altercação são capazes de interferir nos rumos políticos de um país, pois esses espetáculos políticos (Debord, 1997; Courtine, 2004) geram *trends* em redes sociais que comentarão os acontecimentos, fornecem materiais para memes que circularão entre apoiadores e críticos de ambas as partes, etc. Portanto, ser o candidato que “venceu o debate”¹ pode aproximá-lo de uma vitória efetiva nos pleitos eleitorais. Além disso, os debates televisionados são gêneros discursivos que manifestam estratégias argumentativas próprias dos recortes históricos pré-eleições, isto é, apontam para o “argumentável” em uma dada época, na perspectiva da política espetacularizada.

A opção pelo estudo da erística, neste cenário, é pertinente, porque debates presidenciais podem penetrar facilmente no campo erístico, uma vez que esse gênero apresenta um forte natureza competitiva e pressupõe o embate entre ideias contrastantes, como pontua Kerbrat-Orecchioni: “O debate é uma discussão mais organizada [...]: trata-se ainda de um confronto de opiniões a propósito de um assunto particular (Nota: que implique portanto um mínimo de desacordo entre os participantes)”² (1990, p. 118 *apud* Braga, 2006, p. 51). Assim, muitas vezes os debates presidenciais se baseiam não na busca pelo consenso, mas sim na construção do orador, diante de uma plateia, de uma aparência de superioridade com relação ao oponente:

A natureza do discurso político conduz muitas vezes à polémica, devido aos naturais dissensos entre ideologias partidárias. O carácter polémico deste discurso intensifica-se quando o discurso político surge associado ao debate, cuja natureza implica desde logo confronto de ideias antagônicas (Braga, 2006, p. 51).

Nas interações televisionadas protagonizadas por Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva, os aspectos de agressividade, dicotomização e polarização (Amossy, 2017) se encontram acentuados nessas altercações. De fato, as interações entre os dois presidentiáveis apresentam um alto teor de embate, com ambos muitas vezes trocando insultos pessoais no púlpito.

Dessa maneira, considerando que a interação erística está mais preocupada com a destruição dos argumentos do adversário do que com o debate racional (acerca do que é benéfico para o país, por exemplo), tentaremos identificar as estratégias de teor erístico utilizadas no debate do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2022.

A partir desse cenário, este artigo objetiva então identificar e descrever as estratégias erísticas mobilizadas no debate televisionado da Band no segundo turno das eleições de 2022,

¹ O vocabulário de guerra, voltado ao combate, é comum nessas ocasiões. Confira essa matéria do portal O Globo, que tem como título “Quem ganhou e quem perdeu o primeiro debate do 2o turno? Colunistas do GLOBO analisam” (<https://oglobo.globo.com/politica/eleicoes-2022/noticia/2022/10/quem-ganhou-e-quem-perdeu-o-primeiro-debate-do-2o-turno-colunistas-do-globo-analisam.ghtml>). Ou esta matéria do portal Uol, que tem como título “Quem venceu o debate entre Lula e Bolsonaro na Globo? Colunistas opinam” (<https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/29/quem-venceu-o-debate-colunistas-avaliam.htm>).

² No original: “Le débat est une discussion plus organisée [...]: il s’agit encore d’une confrontation d’opinions a propos d’un objet particulier (Note: qui implique donc un minimum de désaccord entre participants”.

destacando de que maneira os candidatos Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva fizeram o uso dos estratagemas 16 — *argumentum ad hominem* — e 38 — o último estratagema — catalogados por Schopenhauer (2009).

Este artigo possui três seções, além desta introdução e das considerações finais. A primeira, “Argumentar e atacar”, apresenta um panorama dos estudos sobre a erística, partindo da diferenciação entre dialética, retórica e erística tal como compreendida por Samuel Mateus, passando por autores como Aristóteles e Schopenhauer e compreendendo a relação entre a erística e o conceito de polêmica de Ruth Amossy. A segunda, “Metodologia de pesquisa”, apresenta os procedimentos para a realização da pesquisa e explica as características do gênero debate, discorrendo sobre a estrutura específica do debate da Band selecionado para o artigo. A terceira, “Estudo de caso: procedimentos de ataque ao adversário no debate entre candidatas à presidência do Brasil na Band em 2022”, empreende o estudo dos trechos selecionados do *corpus* a partir dos conceitos do campo de estudo da erística.

1 Argumentar e atacar

1.1 A Dialética, a retórica e a erística

Este estudo insere-se nos campos da retórica e da argumentação. Por isso, seu referencial teórico e seus procedimentos de análise são articulados a esses campos do saber. Especificamente, as discussões presentes nesta pesquisa partem da diferenciação entre retórica, dialética e erística conforme defendida pelo teórico Samuel Mateus. De acordo com o autor (2018, p. 48), é central compreender primeiramente a semelhança incontornável entre a retórica e a dialética, ambas atividades que lidam com a defesa e a refutação de ideias referentes a assuntos controversos para os quais não é possível estabelecer verdades absolutas, mas apenas conclusões apoiadas nos *topoi* (lugares-comuns) e nas chamadas endoxas. Com efeito, em contraposição às doxas, isto é, as opiniões pessoais, as endoxas se configuram como crenças admitidas coletivamente. Assim, as endoxas, por constituírem a convicção da maioria e terem estado presentes, em geral, no paradigma do pensamento há um tempo considerável, são estáveis o suficiente para representarem a sustentação da dialética e da retórica.

Nessa lógica, é clara a relação profunda entre a retórica e a dialética, ratificada pela seguinte afirmação de Aristóteles de que “a retórica é a outra face da dialética; pois ambas se ocupam de questões mais ou menos ligadas ao conhecimento comum e não correspondem a nenhuma ciência em particular.” (Arist., *Rh*, I, 1354a).

A distinção entre as duas noções ocorre então sobretudo quando se compreende a inclinação da retórica para os debates de utilidade pública. De fato, enquanto a dialética se estabelece como uma atividade realizada em um ambiente privado e acadêmico, apresentando estrutura dialógica e teor filosófico e lógico, a partir do par perguntas e respostas, envolvendo geralmente apenas dois interlocutores, a retórica se configura como o discurso cujo objetivo é

convencer um auditório mais amplo sobre as soluções mais adequadas para questões polêmicas que dizem respeito à vida pública (Mateus, 2018, p. 50).

Assim, as deliberações da dialética alcançam a hipótese mais provável e razoável para os dois participantes do debate em questão e, portanto, chegam a uma conclusão segundo os procedimentos da dedução, indução, *topoi* e as endoxas. A retórica se preocupa, dessa forma, em divulgar essas hipóteses a um público maior, aplicando a dialética na prática. Nas próprias palavras de Mateus (2018):

À Retórica podemos, assim, atribuir um papel auxiliar como uma espécie de utensílio prático da Dialética, quer em Aristóteles, quer em Cícero. Mas encontramos já esta hierarquia no Fedro: Platão entende a Dialética como um processo esotérico e sistemático de definição da realidade e descobrimento da verdade, enquanto a Retórica é tida como o processo exotérico de espalhar essas conclusões dando aos homens a crença virtuosa (Mateus, 2018, p. 51).

Ainda segundo a explicação fornecida por Mateus (2018, p. 52), a erística, então, se configura como o exercício argumentativo que apresenta como objetivo principal não a procura pela verossimilhança e pelo consenso — como a dialética e a retórica —, mas a destruição das proposições do adversário. Com efeito, nessa atividade polêmica desenvolvida por alguns Sofistas, o propósito de maior importância é direcionar a conversa de forma que os seus argumentos pareçam superiores no final da altercação. De fato, não há preocupação com o alcance de uma conclusão plausível e útil segundo as crenças coletivas, mas sim com o triunfo sobre o adversário. Nesse sentido:

Os estudantes da Erística recebiam o método dos Sofistas e aprendiam a refutar o seu oponente, independentemente de concordarem ou discordarem. Trata-se de uma pura luta verbal. À semelhança da luta livre greco-romana procura-se derrubar o inimigo mas em vez de se usar a força física usa-se o engenho e a invenção para fazer tombar os argumentos do rival (Mateus, 2018, p. 52).

Assim, uma vez que, na erística, o que importa é a ilusão de verdade e não a verossimilhança em si, constantemente lança-se mão de sofismas e falácias durante as altercações. Ademais, outra característica que se destaca é o registro agressivo, presente justamente porque tal arte se assemelha a uma luta verbal.

1.2 A erística e a polêmica

Dadas as relações entre a erística e a polêmica, é relevante apontar as considerações que Ruth Amossy fez acerca das modalidades do discurso. Conforme a teórica (2020), alguns discursos que visam à persuasão se encaixam no que ela cunhou como “modalidade polêmica”, termo que abarca as interações marcadas por teses opostas que se chocam de maneira violenta. Com efeito, para Amossy, essas interações específicas se caracterizam principalmente pela forte polaridade dos pontos de vista e pelo empenho em desclassificar o adversário (Amossy, 2020).

O agravamento desse tipo de discurso levaria então à interação erística, compreendida por Walton (1998) como as interações em que os debatedores estão orientados unicamente para a vitória, que será conquistada mediante a comprovação diante de um auditório de que se é superior ao adversário. Com efeito, nesse diálogo, destacam-se a grande incidência de ataques pessoais, a disposição dos participantes para triunfar a qualquer custo, a recusa absoluta em dar razão ao adversário, a deturpação deliberada das ideias opostas, a tendência a desviar o debate para assuntos marginais e a forte preocupação dos debatedores em parecer razoável diante da plateia. Enfim, as falácias e os estratagemas são elementos centrais desse tipo de interação.

O conteúdo específico desse tipo de alteração acaba sendo muitas vezes negligenciado, uma vez que o mais importante para os debatedores é produzir a imagem de que se é mais hábil do que o oponente, independentemente das conclusões a que se pode chegar acerca do assunto em si. A partir do emprego desses estratagemas, espera-se obter a aprovação do auditório.

Quando observamos os debates realizados no segundo turno das eleições para a presidência da república em 2022 a partir do conceito de erística, deparamo-nos com um terreno fértil para o estudo dos recursos erísticos. De fato, nessa etapa da disputa, as interações protagonizadas pelos candidatos Jair Bolsonaro (PL) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) constantemente deslizavam para o campo da erística, assumindo um teor agressivo e deixando de lado as discussões sobre os assuntos de interesse nacional comum para adentrar em ofensas pessoais ligadas ao passado de cada um dos presidentiáveis.

Nesse contexto, cabe apontar o conceito de impolidez tal como cunhado por Culpeper (2011):

Nesse sentido, a impolidez, que, conforme Culpeper (2011), se manifesta em atos de fala orientados a agredir e atacar a imagem do outro, bem como a buscar a discórdia torna-se uma ferramenta efetiva que cimenta a coesão endogrupal (nós) pelo rechaço daquilo que é *lhe* é alheio – a posição do exogrupo (eles), que passa a ser visto como merecedor de violência verbal (Piris, 2021, p. 8).

Tentaremos demonstrar, em nossas análises, que a impolidez se encontra marcadamente presente nas interações dos presidentiáveis, funcionando para reafirmar as posições opostas a partir das quais eles se apresentam para a população. De fato, cada um deles procura se estabelecer dentro de um certo grupo com compreensões políticas e morais próprias e que se localiza como radicalmente antagônico ao do oponente, sendo remota a possibilidade de diálogo entre esses dois polos.

1.3 Os estratagemas da erística

Tendo em vista, assim, o ataque à imagem do adversário como ferramenta central por meio da qual esses debatedores procuram triunfar na interação e se mostrar intelectualmente e moralmente superiores ao oponente, é importante entender as considerações realizadas por Schopenhauer (2009) acerca da erística. Tal filósofo, que, em seu tratado de 1831, descreveu a

erística como “a arte de disputar, mais precisamente a arte de disputar de tal maneira que se fique com a razão, portanto, *per fas et nefas* [com meios lícitos e ilícitos]” (Schopenhauer, 2009, p. 3), listou os 38 estratagemas dos quais os indivíduos podem lançar mão para vencer uma disputa. De acordo com o filósofo, essas estratégias não estão direcionadas à busca pela verdade objetiva — alvo, segundo o alemão, da lógica — mas à procura pela validação do auditório, dois fins que muitas vezes divergem entre si. A descrição desses 38 estratagemas pode ser vista no Quadro 1:

Quadro 1. Estratagemas de Schopenhauer

Nome do estratagema	Definição
Ampliação indevida	Interpretar a afirmação do oponente da forma mais ampla possível. Inversamente, concentrar a sua própria argumentação no sentido mais limitado possível.
Homonímia sutil	Utilizar a homonímia: Valer-se de um possível outro sentido das palavras do oponente para refutar as suas afirmações.
Mudança de modo	Compreender a afirmação do oponente de forma genérica e refutá-la nesse sentido.
Pré-silogismos	Não permitir que os resultados da sua dedução sejam antevistos, fazer com que o adversário confirme as suas premissas de modo esparso e progressivo, sem compreender as conclusões às quais se deseja chegar. Ou então fazer com que o adversário concorde com as premissas das premissas, a partir de pré-silogismos, valendo-se de uma ordem caótica para gerar confusão até que tudo de que se precisa esteja admitido.
Uso intencional de premissas falsas	Utilizar premissas falsas que estão de acordo com o modo de pensar do adversário para comprovar uma certa proposição.
Petição de princípio oculta	Fazer uma petição de princípio oculta a partir de 1. outro nome; 2. fazendo com que seja concedido no geral o que é controverso no particular; 3. quando dois fatores resultam mutuamente um do outro, comprova-se o primeiro por meio da comprovação do segundo; ou 4. comprovar o universal com a confirmação de cada fator individual.
Perguntas em desordem	Fazer muitas perguntas simultaneamente e de forma pormenorizada e, depois, expor rapidamente a argumentação a partir do que foi admitido.
Encolerizar o adversário	Causar raiva no adversário, de modo que ele não seja capaz de raciocinar com lucidez.
Perguntas em ordem alterada	Fazer perguntas em ordem diferente da exigida pela conclusão, de forma que o adversário não perceba de antemão onde se deseja chegar.
Pista falsa	Quando se percebe que o adversário responde negativamente a perguntas que confirmariam a sua proposição, perguntar o contrário do que se deseja postular. Dessa maneira, o adversário poderá se confundir com relação às suas intenções e acabar assentindo diante do que você precisa.
Salto indutivo	Quando os casos particulares pelos quais o resultado de uma indução pode ser colocado já foram confirmados pelo adversário, não pedir o assentimento com relação a essa conclusão, mas apresentá-la em tom afirmativo.
Manipulação semântica	Quando a discussão for sobre um tema sem nome específico, mas que é designado por meio de um termo semelhante, escolher de imediato a semelhança mais oportuna com relação ao seu argumento.
Alternativa forçada	Para confirmar uma tese, fornecer ao adversário uma alternativa oposta e pedir, de forma enfática, que ele escolha entre as duas opções. A alternativa contrária deve parecer menos razoável do que a que se deseja comprovar, de maneira que o oponente sinta que não pode deixar de assentir à nossa tese sem cair em contradição.
Falsa proclamação de vitória	Afirmar de modo enfático e triunfante que a sua proposição foi comprovada, ainda que as perguntas que a favorecem não tenham sido confirmadas pelo adversário (pertence à falácia do engano mediante o reconhecimento da não-causa como causa).

Anulação do paradoxo	Quando a proposição apresentada é paradoxal, apresentar ao adversário uma outra tese que seja correta, como se, por meio desta, se pudesse extrair a confirmação de que se necessita. Se o adversário a rejeita por desconfiança, triunfa-se ao levá-la <i>ad absurdum</i> . Se ele a confirmar, ao menos se terá dito algo razoável, causando uma boa impressão momentânea que pode ser útil. Ou então, a partir disso, lançamos mão do estratagema 14.
<i>Argumentum ad hominem</i>	A partir de uma afirmação do adversário, verificar se ela não está em contradição com alguma de suas falas ou comportamentos anteriores ou com alguma seita ou dogma aos quais ele seja adepto. Caso exista a contradição, confrontá-lo nesse sentido. Ex: A: "Berlín é um local desagradável" / R: "Por que você não parte com a primeira diligência?"
Distinção de emergência	Quando confrontado com uma contraprova, tentar se salvar com uma diferenciação sutil — na qual ainda não se tinha pensado — se o assunto permitir algum tipo de duplo caso ou sentido.
Uso intencional da <i>mutatio controversiae</i>	Interromper a discussão e tentar mudar de assunto ao perceber que a argumentação do adversário te derrotará.
Fuga do específico para o geral	Quando o adversário exigir uma resposta expressa a um ponto específico da sua argumentação e você não possui a contra-argumentação necessária, tratar a questão com generalidade e a rebater nesse sentido.
Uso da premissa falsa previamente aceita pelo adversário	Após conseguir que o adversário consinta com algumas das premissas necessárias, não lhe perguntar acerca da conclusão da discussão, mas deduzir as premissas restantes como confirmadas e proclamar o resultado pretendido como dado.
Preferir o argumento sofisticado	Enfrentar o argumento sofisticado do adversário com um contra-argumento igualmente aparente, ao invés de analisar a natureza enganosa do discurso (em geral, é mais rápido responder a um estratagema <i>ad hominem</i> com outro <i>ad hominem</i> do que fazer uma longa análise que desmascare o caráter ilusório dessa argumentação).
Falsa alegação de <i>petitio principii</i>	Quando perceber que o adversário deseja que se confirme uma premissa da qual imediatamente resultaria a conclusão do problema, deve-se recusá-la, fazendo-a passar por uma <i>petitio principii</i> . Os ouvintes facilmente considerarão idêntica ao problema uma proposição que apenas se parece com ele.
Impelir o adversário ao exagero	Incitar o adversário, por meio de objeções, a exagerar uma afirmação que, dentro de certos limites, poderia estar correta. A partir disso, refutar essa extrapolação, de forma que pareça que se está refutando a afirmação original.
Falsa <i>reductio ad absurdum</i>	A partir de falsas deduções e deturpações de conceitos, inferir inequivocamente consequências contraditórias das proposições do adversário.
Falsa instância	Apresentar uma instância (instância = caso ao qual um princípio universal não se aplica) que apenas aparentemente pode ser compreendida pela verdade universal que se propõe derrubar.
Retorsio argumenti	Perceber quando o argumento mobilizado pelo adversário na verdade funciona melhor contra ele e lançar mão dessa estratégia.
Provocar a raiva	Se o adversário se zanga diante de um argumento, insistir nele, tanto para levar o oponente ao descontrole, quanto porque naquele ponto provavelmente reside algum ponto fraco do raciocínio.
Argumento <i>ad auditores</i>	Fazer uma objeção inválida, mas cuja inconsistência pode ser percebida apenas por especialistas de determinada área do saber. Funciona particularmente quando o orador é um indivíduo culto em meio a uma plateia inculta em determinado assunto.
Desvio	Ao perceber que será derrotado, fazer uma digressão — que pode continuar dentro do assunto de alguma forma ou se referir ao adversário (nesse caso se configurando como um nível intermediário entre o <i>argumentum ad personam</i> e o <i>argumentum ad hominem</i>) — e preferi-la como se fosse um argumento válido contra a proposição do adversário.
<i>Argumentum ad verecundiam</i>	Utilizar alguma autoridade respeitada pelo adversário, preferencialmente se este conhecer pouco da ciência tratada por ela. Pode-se lançar mão de uma autoridade que apenas superficialmente pareça adequada ao assunto ou citar o que alguma figura notável afirmou distorcendo o sentido da frase, de modo que ela beneficie a sua proposição. É possível ainda inventar autoridades e as ideias postuladas por elas caso se esteja diante de uma plateia inculta.

Incompetência irônica	Quando é assegurado que se tem maior prestígio que o adversário diante de uma plateia, afirmar ironicamente que as proposições do adversário são incompreensíveis, de modo a insinuar que elas são absurdas.
Rótulo odioso	Associar as ideias do adversário a alguma categoria desprezada (como misticismo, maniqueísmo etc.) ainda que a relação entre os conceitos seja mínima.
Negação da teoria na prática	Afirmar: Isso é correto na teoria, mas falso na prática. Tal frase se constitui como uma impossibilidade, uma vez que, se algo é válido na teoria, precisa se estabelecer também na prática (se esse não é o caso, há uma falha na teoria).
Resposta ao meneio de esquivia	Quando o adversário não responde diretamente a uma questão ou argumento, insistir nesse ponto, haja vista que essa esquivia é sinal de que alguma fragilidade foi atingida, ainda que não se saiba exatamente que vulnerabilidade é essa.
Persuasão pela vontade	Fazer com que a plateia ou o adversário entendam que a sua argumentação está mais de acordo com os interesses deles. Em geral, as pessoas tendem a aderir facilmente à argumentação que as beneficiam, ainda que essas ideias se configurem como absurdas.
Discurso incompreensível	Falar seriamente um palavreado sem sentido de modo que ele pareça erudito e complexo. Dependendo da plateia ou do oponente com o qual se está lidando, pode ser efetivo.
Tomar a prova pela tese	Refutar um argumento frágil do adversário como se estivesse refutando toda a sua proposição. Caso o adversário não encontre outra ideia mais correta para a defesa do seu ponto de vista, essa estratégia será funcional.
Último estratagema	Quando é perceptível que a ideia do adversário é mais forte, tornar-se agressivo, atacando a pessoa do adversário. Pode ser entendido como o <i>argumentum ad hominem</i> levado às últimas consequências, uma vez que o assunto principal da discussão é deixado completamente de lado.

Fonte: elaboração própria.

Conforme Schopenhauer (2009), a identificação e a utilização hábil dessas estratégias erísticas é capaz de construir a impressão de razão, que acarretará o triunfo sobre o adversário. De fato, é possível identificar vários desses estratagemas sendo utilizados no debate da Band pelos candidatos ao segundo turno das eleições presidenciais de 2022. Para este artigo, será analisado mais especificamente o uso, nesse debate, do estratagema 16, conhecido como *argumentum ad hominem*, e do último estratagema, o 38.

Segundo Schopenhauer (2009), então, o *argumentum ad hominem* pode ser entendido como a argumentação voltada à desclassificação de uma certa proposição a partir da busca pelas contradições entre falas e comportamentos do seu defensor. Já o último estratagema se configura como a acentuação do *argumentum ad hominem*, se distanciando deste por entrar no âmbito do insulto, pois se caracteriza pela ofensa frontal ao oponente com vistas a derrubar a sua argumentação.

Essas estratégias erísticas específicas atentam mais diretamente contra a imagem do adversário, procurando apontar contradições no seu discurso e aspectos condenáveis no seu comportamento. Com efeito, esses tipos de argumento são efetivos para minar a credibilidade do oponente, fazendo com que os eleitores o enxerguem como uma figura incoerente e dissimulada e, portanto, inapta a receber o voto de confiança que é a atribuição de um cargo público. Tais estratagemas são assim usados continuamente tanto por Luiz Inácio Lula da Silva quanto por Jair Bolsonaro, que, como mencionado, já deixaram claro em diversas ocasiões que não nutrem qualquer tipo de respeito um pelo outro.

Amossy (2020), ao se debruçar sobre o fenômeno do discurso polêmico, conceitua o *argumentum ad hominem* de maneira similar a Schopenhauer, compreendendo essa estratégia como um argumento de autoridade às avessas, já que corresponde ao ato de atacar ideias com base no caráter e nas circunstâncias do quem as defende:

Além disso, muitas vezes o ataque não visa somente ao discurso do adversário, mas também à sua pessoa. Recorre-se então ao argumento ad hominem, que é considerado um paralogismo, um argumento falacioso. Este tem a ver com a violência verbal na medida em que põe em causa o locutor individual ao mesmo tempo que suas declarações (por vezes, põe em causa o locutor mais do que suas declarações) (Amossy, 2020, p. 231).

Nessa lógica, Gilles Gauthier (1995) propõe que o *ad hominem* pode ser classificado a partir de três tipos diferentes: o lógico, o circunstancial e o pessoal. O *argumentum ad hominem* lógico ocorre “quando se ataca um interlocutor a respeito de uma contradição formal entre duas posições de sua proposição” (Amossy, 2020, p. 166), o *argumentum ad hominem* circunstancial diz respeito a “quando se ataca alguém em função de uma inconsistência suposta entre uma posição que ele apresenta e algum traço de sua personalidade ou de seu comportamento” (Amossy, 2020, p. 166), e o de tipo pessoal se dá “quando há ataque frontal do adversário (o ataque pessoal, sobretudo quando beira o insulto, é às vezes chamado ad personam)” (Amossy, 2020, p. 166).

Nesse sentido, de acordo com essa organização proposta por Gauthier, o que é classificado como *ad hominem* pessoal — ou *argumentum ad personam* — se encontra próximo aos casos abrangidos pelo Último estratagema, ou estratagema 38, do Tratado da Erística. De fato, ambas as nomenclaturas indicam a argumentação que se pauta não pela busca por incoerências, mas pelo ataque violento e direto ao interlocutor. Já o estratagema 16 de Schopenhauer corresponderia então, nos termos de Gauthier, tanto ao *ad hominem* lógico, quanto ao circunstancial.

O *argumentum ad hominem* e o *ad personam*, como mencionado, são estratégias argumentativas consideradas, para Schopenhauer, como carentes de teor lógico e desonestas, já que inviabilizam teses a partir de sua ligação com personagens de caráter duvidoso. De fato, Schopenhauer (2009, p. 13) afirma se propor, em seu tratado, “a estabelecer e analisar aqueles estratagemas da desonestidade na disputa, para que nos debates reais eles possam ser identificados e aniquilados”.

Amossy (2020), contudo, propõe, em suas análises, uma outra perspectiva sobre o *ad hominem*, apresentando essa argumentação como uma estratégia que, atendendo a alguns critérios, pode ser válida. Segundo a autora,

O argumento *ad hominem* é um argumento que incide sobre o *ethos* do adversário, mais do que sobre o conteúdo de suas proposições. Ora, o *ethos*, como se viu, é um elemento de prova. É nesse sentido que o *argumentum ad hominem* pode ser estudado como um argumento perfeitamente válido (Amossy, 2020, p. 165).

Dessa forma, como complementa Brinton (1985), para esse tipo de argumentação ser legítima, é necessário apenas que ela consiga ser convincente no sentido de retratar o oponente como carente do discernimento necessário ou das características morais requeridas para debater sobre determinadas questões, “ou seja deficiente em termos de *ethos* de outra qualquer forma” (Brinton, 1985, p. 56). Assim, a utilização do *ad hominem* deve ser apropriado com relação a cada caso específico, como coloca Amossy (2020, p. 165): “Contrariamente à pertinência lógica, a pertinência ethoica (o termo é de Brinton) só pode ser estabelecida em relação a um caso particular”.

Esses argumentos devem ser submetidos ao critério de verificação, estipulando que o seu conteúdo deve ser verdadeiro. [...] Eles devem sobretudo atender ao critério de pertinência: o questionamento da pessoa do adversário deve ser motivado. Segundo Gauthier, este último critério permite distinguir, na política, o aceitável do inadmissível (Amossy, 2020, p. 166).

Dessa forma, os critérios que devem ser seguidos para a utilização válida dessa argumentação são o da verificação e o da pertinência. Tal perspectiva contrasta então com o pensamento de Schopenhauer, que, como visto, considera o *ad hominem* como inerentemente desonesto.

Assim, passemos à apresentação dos procedimentos metodológicos realizados na pesquisa e à análise do *corpus* formado pelas interações argumentativas com traços erísticos no debate da Band do segundo turno das eleições presidenciais de 2022.

2 Metodologia de pesquisa

A pesquisa possui caráter bibliográfico-documental, de natureza descritiva e explicativa, uma vez que objetiva selecionar, recortar, descrever e analisar os dados, com base em referenciais teórico-metodológicos dos campos da retórica e da argumentação. Trata-se de um estudo de caso, que intenciona explicar a configuração erística em um debate particular veiculado por uma emissora brasileira de televisão e sua postagem na plataforma Youtube. Dessa forma, o presente artigo trabalha com fontes diretas — o *corpus* propriamente dito — do qual foram extraídos trechos de interações entre dois candidatos presentes nos debates. No que se refere aos resultados, o artigo trabalha com a perspectiva qualitativa, intencionando realizar análises de estruturas retórico-argumentativas.

O *corpus* mais amplo do artigo é constituído da transcrição do debate do segundo turno das eleições presidenciais transmitido ao vivo pela emissora de televisão *Rede Bandeirantes* (conhecida como Band) em 16 de outubro de 2022, que apresentou a duração completa de 1 hora 51 minutos e 09 segundos. Os trechos dessa interação destacados neste estudo foram escolhidos com base na presença do *argumentum ad hominem* e do *ad personam* e na sua relevância para a compreensão do fenômeno erístico presente no debate.

Esse debate político teve como protagonistas os candidatos do segundo turno das eleições presidenciais brasileiras de 2022 Jair Bolsonaro, do Partido Liberal (PL), e Luiz Inácio Lula da Silva, filiado ao Partido dos Trabalhadores (PT). Os moderadores da interação foram os jornalistas Adriana Araújo, Eduardo Oinegue, Leão Serva e Fabíola Cidral. O debate foi dividido em 2 blocos, que apresentaram, cada, duas estruturas básicas que se intercalaram: a primeira delas se constituiu a partir de perguntas de jornalistas convidados aos candidatos, que tiveram, cada, 1 minuto e 30 segundos para responder. Já a segunda configuração foi o que se denominou como rodada direta, em que os dois presidenciáveis se confrontaram livremente, tendo cada um 15 minutos de fala cronometrada. A alternância entre as tomadas de palavra nesse momento foi realizada de modo pouco controlado pelos moderadores, que intervinham apenas no caso de interrupções. No final do segundo bloco, 1 minuto e meio foi concedido a cada um dos debatedores para as considerações finais.

De acordo com Kerbrat-Orecchioni (1990), o gênero debate é uma interação verbal oral, que, ao contrário de outros gêneros orais mais espontâneos, como a discussão, apresenta regras fixas, como tema definido, duração predeterminada, turnos de fala bem estabelecidos e a presença de moderadores e público:

o debate é uma discussão mais organizada e menos informal: é ainda um confronto de opiniões sobre um determinado assunto, mas que se realiza dentro de um quadro “prefixado” [...] — são assim parcialmente determinados a duração total do debate, a duração e a ordem das intervenções, o número de participantes e o tema da interação. Além disso, um debate geralmente inclui um público e um “moderador”, responsável por garantir o seu bom desenvolvimento (e mesmo na sua ausência, podemos dizer que esse moderador e esse público são de alguma forma internalizados pelos participantes). O debate é, portanto, ao mesmo tempo, uma discussão (pelo seu caráter argumentativo) e uma entrevista (pelo seu caráter midiático) (Kerbrat-Orecchioni, 1990, p. 118 apud Braga, 2006, p. 29)³.

Quando localizado na esfera política, esse gênero parte das necessidades de divulgação das propostas políticas e do contexto sociocultural das eleições e apresenta, portanto, caráter argumentativo e informacional, sendo caracterizado pelo embate de pontos de vista e pela mobilização de elementos persuasivos (Silva; Santos; Santos, 2020).

Outra característica importante do debate é o seu teor de competição, pois é pressuposto que, ao final do debate, haverá vencedores e perdedores. O vencedor, no caso, se constitui como o debatedor que conseguir causar uma melhor impressão no público, que se configura como o verdadeiro receptor desse tipo de interação, já que, embora os participantes se dirijam diretamente ao oponente, é o público que eles desejam persuadir (Kerbrat-Orecchioni, 2006).

³ No original: “le débat est une discussion plus organisée, moins informelle: il s'agit encore d'une confrontation d'opinions à propos d'un objet particulier, mais qui se déroule dans un cadre « préfixé » [...] — sont ainsi en partie déterminés la longueur du débat, la durée et l'ordre des interventions, le nombre de participants, et le thème de l'échange. En outre, un débat comporte généralement un public, et un « modérateur » chargé de veiller à son bon déroulement (et même en leur absence, on peut dire que ce modérateur et ce public sont en quelque sorte intériorisés par les participants). Le débat tient donc à la fois de la discussion (par son caractère argumentatif), et de l'interview (par son caractère médiatique.”

Além disso, é importante compreender que tal gênero, em geral, lida com temas controversos que dizem respeito à vida pública, principalmente quando se trata de debates presidenciais:

Assim, o aspecto político endossa a abordagem de gênero argumentativo e público, afinal fazer política é lidar com as dinâmicas de uma sociedade democrática, que justamente é a única que possibilita e promove debates. Além disso, pelo fato de ser presidencial – sabe-se que a relevância social e midiática é notória, já que a escolha via eleições do representante do Poder Executivo de um país tem caráter primordial nas tarefas de todo cidadão (Silva; Santos; Santos, 2020, p. 4).

Assim, esse gênero argumentativo, por prever o confronto de ideias e por se relacionar ao discurso político — que contém naturalmente o atrito de ideologias diversas — é um ambiente suscetível ao surgimento da polêmica (Braga, 2006). Dessa maneira, no contexto extremamente polarizado das eleições de 2022 no Brasil, esse deslizamento em direção ao discurso polêmico e, por consequência, ao erístico, se torna ainda mais provável. Isso pode ser atestado pelo próprio debate do segundo turno das eleições de 2022, em que é clara a presença da erística.

3 Estudo de caso: procedimentos de ataque ao adversário no debate entre candidatos à presidência do Brasil na Band em 2022

Visamos aqui analisar 07 sequências em que se manifestam os estratagemas do ataque ao outro, a partir das categorias de i) *argumentum ad hominem* lógico, ii) *ad hominem* circunstancial e iii) *ad hominem* pessoal. Além disso, apontamos também alguns procedimentos diversos que integram essa categoria mais ampla do estratagema *ad hominem*, pois um mesmo procedimento de ataque pode ser composto por uma variedade de estratégias que o sustenta.

As sequências a seguir foram extraídas das interações encontradas no vídeo do debate pré-eleitoral do segundo turno do pleito de 2022, realizado pela emissora Band e transmitido em seu próprio canal no Youtube (Band Jornalismo, 2022)⁴. Vejamos, então, algumas sequências, numeradas a partir de agora, nesta ordem: S1, S2, S3, Sn.

S1 Bolsonaro 01:07:30: Por exemplo, a questão do Auxílio Brasil. A origem desse dinheiro virá de uma proposta que já passou na Câmara visando a reforma tributária e está no Senado Federal. Vamos manter essa despesa extra de forma permanente e vitalícia. Deixo claro, quando nós criamos o Auxílio Brasil final do ano passado, nós renegociamos o parcelamento dos precatórios e criamos então o Auxílio Emergencial de R\$ 400,00. *Nesse momento, toda a bancada do PT votou contra na Câmara dos Deputados, porque eles não têm qualquer preocupação com os mais pobres.* Voltando à questão de recursos [...]. (***Ad hominem destacado em itálico***).

Na sequência 1, por volta da 1 hora e sete minutos do debate, os candidatos são questionados pelos mediadores com relação a como conseguirão o dinheiro para cumprir os

⁴ O debate encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iYVklCeIs60>.

projetos que prometeram em suas campanhas, e se alguma mudança constitucional será realizada nesse sentido. Assim, Bolsonaro, como o primeiro a tomar a palavra, esclareceu que o Auxílio Brasil, programa social criado no final de 2021, seria mantido por meio do dinheiro que viria de uma proposta que já passou na Câmara visando a reforma tributária. A partir disso, o candidato do Partido Liberal afirma que, quando esse projeto foi criado, toda a bancada do Partido dos Trabalhadores votou contra a sua realização na Câmara dos Deputados, concluindo que isso demonstra a falta de preocupação desse partido com as pessoas em situação de vulnerabilidade econômica. O trecho destacado “Nesse momento, toda a bancada do PT votou contra na Câmara dos Deputados, porque eles não têm qualquer preocupação com os mais pobres” exemplifica a utilização do *estratagema 16* na sua modalidade circunstancial, pois procura atacar a imagem do oponente por meio da contradição entre a atitude do partido do oponente (votação contrária na Câmara) e o *ethos* que Lula pretende construir, de candidato mais alinhado com as causas sociais do país. Assim, é possível dizer que Bolsonaro marginaliza, de certa maneira, a questão principal a ser tratada, o que é admitido pelo próprio presidencial quando, ao final dessa declaração, afirma: “voltando à questão de recursos...”. Com efeito, o candidato aproveitou a oportunidade da pergunta para demonstrar uma atitude combativa — e, dessa forma, alinhada com a *erística* — com relação ao adversário.

S2 Lula 01:17:17: Eu não faço acusações mentirosas, são dados científicos. O senhor atrasou a vacina, depois teve processo inclusive de corrupção definido e denunciado pela CPI e o fato concreto é que *a sua negligência fez com que 680 mil pessoas morressem quando mais da metade poderia ter sido salva. A verdade é que o senhor não cuidou, debochou, riu, dizia para não tomar vacina, quem tomar vacina virava jacaré, que virava homossexual, que não podia tomar vacina. O senhor gozou das pessoas, imitou as pessoas morrendo afogadas por falta de oxigênio em Manaus.* Ou seja, não tem na história de nenhum governo do mundo alguém que brincou com uma pandemia e com a morte como você brincou. Brincou. Foi mostrado na televisão. Não vale dizer que foi *Fake News*, não. *Porque você aparece na televisão rindo, imitando pessoas sem ar. Você virou vendedor de um remédio que não servia para nada. Você divulgou um remédio que a ciência negou o tempo inteiro.* (***Ad personam em itálico***).

Durante a chamada “rodada direta”, em que os candidatos são convidados a debater diretamente um contra o outro, tendo cada um 15 minutos cronometrados de fala, Lula se vale de diversos argumentos *ad hominem* pessoal (ou *ad personam*) que circulam em torno de um tema bastante delicado: a pandemia de Covid-19. De fato, ao iniciar a sua fala, Lula acusa o oponente de negligência com relação à doença. Para sustentar esse insulto, o candidato petista então recorre ao dado conhecido e chocante de 680 mil mortes de brasileiros por Covid-19 sob o governo Bolsonaro. Nesse sentido, a estratégia contida nesse ataque consiste em utilizar informações amplamente conhecidas para derrubar a imagem do oponente. O recurso aos dados numéricos, às porcentagens e aos resultados objetivos de uma pandemia ancoram sua estratégia em uma aparente realidade objetiva. Para Fiorin (2015, p. 159), “os números dão uma aparência de objetividade à argumentação. No entanto, as cifras podem ser utilizadas segundo as necessidades da estratégia argumentativa empregada pelo enunciador.” Esses dados numéricos, porcentagens e cifras podem ser contestados pelos oponentes ou pelo auditório, relativizando-se o contexto em que eles se inscrevem, as bases sobre as quais foram realizados os seus cálculos ou mesmo as origens desses dados. De toda forma, o oponente é levado a reagir de

algum modo, pois o número de pessoas que morreram na pandemia gera muita comoção entre os brasileiros e, dessa forma, a utilização desse dado é muito efetivo para rebaixar o *ethos* do adversário.

Já em um segundo momento, para manter o ataque à imagem de seu oponente, Lula aproxima Bolsonaro de atos condenáveis, como atrasar a vacina da Covid-19, ridicularizar as vítimas da doença e se engajar na venda de remédios sem eficácia comprovada: “A verdade é que o senhor não cuidou, debochou, riu, dizia para não tomar vacina, quem tomar vacina virava jacaré, que virava homossexual, que não podia tomar vacina”. Para fortalecer essa aproximação, o petista recorre às falas do próprio oponente, registradas em diversos meios de comunicação⁵ e em suas *lives* pessoais⁶. Trata-se do recurso clássico à alusão (ou polifonia). Para Abreu (2009, p. 136) “Alusão é uma referência a um fato, a uma pessoa real ou fictícia, conhecida do interlocutor. A moderna análise do discurso chama esse fenômeno de polifonia ou intertextualidade”. A enunciação desses fatos conhecidos parece compor um ataque “sustentado” em dados e fatos conhecidos, construindo a imagem do oponente como incompetente, insensível diante do sofrimento experimentado durante a pandemia e mentiroso.

S3 Lula 01:18:29: Você não respeitou o Butantan, você não respeitou a Fiocruz que são laboratórios de excelência nesse país que poderia ter lhe ajudado. *Se tivesse humildade, você poderia ter resolvido parte do problema. Mas certamente você não quis resolver porque você não quis entender o sofrimento do povo. (Ad personam em itálico).*

Em S3, Lula utiliza o argumento *ad personam* ao acusar Bolsonaro de não ser uma pessoa humilde, o que pode ser atestado, segundo o petista, pelo fato de o opositor não ter respeitado instituições como o Butantan e a Fiocruz. Por meio da condicional “*Se tivesse humildade, você poderia ter resolvido parte do problema*”, há o fortalecimento do ataque a partir de uma relação de causalidade entre a falta de humildade de Bolsonaro e o problema da pandemia de Covid-19. Assim, se aprofunda a falha moral da falta de humildade atribuindo a ela parte das consequências trágicas da pandemia no Brasil.

Em seguida, Lula manifesta novamente a estratégia *ad personam* quando afirma “*Mas certamente você não quis resolver porque você não quis entender o sofrimento do povo*”. Nesse caso, o petista denuncia mais uma causa para a ausência de resolução do problema da Covid-19: a pouca preocupação do oponente com o sofrimento do povo brasileiro. Dessa maneira, mais uma vez, há o estabelecimento do *ethos* de Bolsonaro como um indivíduo extremamente insensível com relação às questões que acometem a população de seu país.

S4 Bolsonaro 01:18:49: *Seu Lula, tem um vídeo do senhor, o senhor dando graças a Deus que a natureza criou o covid. (Ad hominem circunstancial em itálico).*

⁵ Como registro dessa informação, apontamos esta matéria do portal IstoÉ sobre o caso: <https://istoe.com.br/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce- virar-um-jacare-e-problema-de-voce/>.

⁶ Como registro dessas imitações, há esta matéria do portal G1: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/08/22/bolsonaro-imitou-paciente-com-falta-de-ar-durante-transmissoes-ao-vivo-na-internet-em-2021.ghtml>.

Ao ser acusado de não ter respeitado os laboratórios Butantan e Fiocruz e, por extensão, não ter lidado com a pandemia de Covid-19 com seriedade suficiente, Bolsonaro rebateu a crítica com um *argumentum ad hominem* circunstancial. O candidato, nesse caso, apontou a contradição existente entre essa afirmação indignada de Lula e a sua postura passada de ter agradecido pelo surgimento da pandemia, expondo provas — a existência de um vídeo⁷ — para legitimar essa afirmação. Visualizamos aqui o recurso da alusão que sustenta o *ad hominem* circunstancial, pois essa alusão ganha contornos de prova e fortalece a crítica ao adversário. A partir do apontamento dessa contradição clara, Bolsonaro buscou descredibilizar a argumentação do oponente, demonstrando que ele não é uma figura na qual se devesse confiar, já que sua fala atual e sua fala anterior estariam em clara discordância entre si.

S5 Bolsonaro 01: 19: 49: Quando se fala em corrupção, corrupção fez o seu partido na Covid. Quando chegou na CPI a notícia de 50 milhões de reais desviado pelo senhor Carlos Gabas, ex-Ministro de Dilma Rousseff, que passeava de bicicleta com ela, a *CPI do seu amigo Renan Calheiros e do seu Omar Aziz* não quis investigar. 50 milhões torrado numa casa de maconha, não chegou nenhum respirador e daí sim irmãos nordestinos morreram por falta de ar, por corrupção do seu Carlos Gabas, deixar bem claro, em especial *o seu governador de Minas Gerais, da Bahia, Rui Costa*. Então, consórcio do Nordeste, do qual você tinha amplo conhecimento e domínio, praticou corrupção e matou sim irmãos nordestinos sufocados em hospitais. (*Ad personam em itálico*).

Em S5, após receber as acusações do oponente com relação à postura durante a pandemia de Covid-19, Jair Bolsonaro buscou — em seu ataque *ad personam* — aproximar Lula a figuras condenáveis, acentuando sua amizade com Renan Calheiros, e ao governador Rui Costa. De fato, Calheiros já foi denunciado por corrupção e lavagem de dinheiro e, dessa forma, a amizade com ele conduziria a uma “contaminação”, como se Lula também estivesse implicado em esquemas dessa natureza. O mecanismo por trás desse ataque parece ser o recurso ao antimodelo. Para Fiorin (2015, p. 189), “os casos particulares podem ser apresentados como modelos a seguir ou antimodelos a evitar.” O antimodelo é uma referência a personagem ou grupo humano com quem se procura criar uma desidentificação, e a aproximação com essas figuras seria condenável. Para Perelman e Tyteca (2014, p 419), “ao propor a outrem um modelo ou um antimodelo, o orador subentende [...] que ele próprio também se esforça para aproximar-se ou distinguir-se deles.” Ao aproximar Lula de Renan Calheiros e de Rui Costa, Bolsonaro está induzindo duas atitudes: a) a condenação de Lula pela proximidade com ambos; b) sua própria superioridade moral (de Bolsonaro), pois são “de grupos diferentes”.

S6 Bolsonaro 01:25:04: Então, Sr. Lula, não continue mentindo, pega mal até para a sua idade; pelo seu passado não vou dizer, porque seu passado é lamentável. (*Ad personam em itálico*).

Na sequência 6, Bolsonaro chama o oponente de mentiroso, lançando mão da argumentação *ad personam*. Para sustentar esse insulto, ele faz menção à trajetória de Lula, dizendo “*pelo seu passado não vou dizer, porque seu passado é lamentável*”. Essa referência apresenta, nesse caso, um forte caráter persuasivo, pois remete a críticas recorrentes de Bolsonaro ao período de Lula na presidência do país. Esse tipo de argumentação, assim, faz um

⁷ Esta matéria resgata essa declaração: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/19/ainda-bem-que-monstro-do-coronavirus-veio-para-demonstrar-necessidade-do-estado-diz-lula.ghtml>.

grande apelo ao grupo o qual Bolsonaro representa, pois tal agrupamento se caracteriza por um forte antipetismo que costuma atribuir à figura de Lula as características de “corrupto” e “mentiroso”.

S7 Luiz Inácio Lula da Silva 01:25:13: Ah, mentindo é você! Mentindo é você [...] *E mais ainda o senhor não se dignou a visitar uma família que teve alguém que morreu de covid, e depois, para mostrar que é bonzinho, tentou ir no enterro da rainha da Inglaterra, quando poderia ter visitado centenas de pessoas que morreram do covid aqui...* (***Ad personam em itálico***).

Na sequência 7 da rodada direta, Lula utilizou o argumento *ad personam*. O insulto é centrado na atitude de Bolsonaro de não ter visitado os familiares das vítimas da Covid-19, atitude reveladora de falta de empatia e compaixão com relação ao sofrimento dessas pessoas. Esse insulto se baseou na memória de uma certa tradição dos presidentes em prestar condolências às vítimas de grandes tragédias, e se solidarizar com essas situações.

Apesar de tal premissa estar mais alinhada com o pensamento das pessoas que já apoiavam Lula de antemão — indivíduos em geral mais consternados com as negligências cometidas durante a pandemia — a indiferença com relação ao falecimento dos brasileiros é uma questão capaz de tocar a maior parte dos eleitores, já que lida com o valor básico da valorização da vida. Dessa maneira, por ser pautada nesse valor (Perelman; Tyteca, 2014), essa argumentação apresenta grande força, mesmo diante de um auditório tão polarizado de eleitores.

Para intensificar esse ataque, Lula contrastou a ausência de visitas a famílias brasileiras que perderam entes para a Covid com a tentativa do oponente de ir ao enterro da Rainha da Inglaterra. O recurso mobilizado nesse trecho é o do contraste, ou, mais amplamente, o da comparação entre fatos. Para Perelman e Tyteca (2014, p. 274), “a argumentação não poderia ir muito longe sem recorrer a comparações, nas quais se cotejam vários objetos [ou fatos] para avaliá-los um em relação ao outro”. Essa comparação de situações mobiliza a doxa de que um presidente da república deveria prestar mais apoio a seu próprio povo que a um povo estrangeiro. Esse cotejamento de atos díspares do oponente insinua então que Bolsonaro estaria mais preocupado com a morte da Rainha do que com as milhares de mortes do povo brasileiro sob sua tutela, ação então considerada por Lula como uma tentativa de promoção de sua própria imagem (do oponente). A partir disso, o ataque de Lula acentuaria o *éthos* de insensível e oportunista apregoado a Bolsonaro.

Considerações finais

Neste artigo, buscamos analisar os elementos erísticos presentes na corrida presidencial de 2022 no Brasil. Para isso, nos centramos no recorte da interação entre os candidatos Jair Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva no debate da rede televisiva Band ocorrido no segundo turno dessa disputa.

Partindo então das discussões de Mateus (2018), realizamos primeiramente uma retomada do papel da erística nos estudos da retórica e argumentação. Dessa forma, expusemos que essa forma de argumentar pode ser comparada a uma luta verbal, apresentando como aspecto principal não a procura pelo consenso, como a dialética e a retórica, mas a derrubada das teses do oponente. A partir disso, enfocamos sobretudo os estratagemas erísticos classificados por Arthur Schopenhauer (2009) em seu Tratado da Erística. Desses, selecionamos os tipos de argumentos que contribuem com a destruição do *ethos* do adversário, isto é, o *argumentum ad hominem* e o *ad personam*, com vistas à análise do *corpus*.

Investigamos também a relação entre a erística e a noção de “polêmica”, tal como cunhada pela autora Ruth Amossy (2020), compreendendo que ambos os conceitos se encontram muito associados, denotando as interações persuasivas caracterizadas por teses opostas que se chocam violentamente. Dessa forma, partimos então para a análise do *corpus* em si, que foi selecionado em virtude da sua pertinência e atualidade para compreensão das diversas expressões dos argumentos *ad hominem* e *ad personam* presentes no debate da Band em 2022.

De fato, a partir do exame da interação dos presidencializáveis, percebemos que os estratagemas selecionados são vastamente utilizados e apresentam, em cada aparição, meios diferentes de embasamento. As estratégias encontradas no recorte da interação selecionado para este estudo foram o recurso aos dados, a alusão/dialogismo, o antimodelo e a comparação. Em muitas ocasiões, esses recursos apareceram mais de uma vez nas falas, funcionando eficientemente para fortalecer o ataque à figura do opositor. Percebemos assim que, para além da conceituação realizada por Schopenhauer (2009) em seu Tratado, esses estratagemas erísticos podem apresentar uma variedade de meios de sustentação.

Dessa maneira, podemos concluir que a corrida presidencial de 2022 foi marcada por forte caráter erístico, apresentando, no confronto entre Lula e Bolsonaro no segundo turno das eleições, alta recorrência do *argumentum ad hominem* e do *ad personam*. As diferentes expressões desses argumentos, nesse sentido, são capazes de torná-los mais persuasivos e de fazer principalmente com que a coesão endogrupal ocorra de forma bastante efetiva.

Financiamento

Isabelle Fonseca Bezerra agradece ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa de Iniciação Científica por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq).

Referências

- ABREU, A. S. *A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção*. 13 ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- AMOSSY, R. *A argumentação no discurso*. Trad. Eduardo Lopes Piris, Moisés Olímpio Ferreira et al. São Paulo: Contexto, 2020.
- AMOSSY, R. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. *EID&A, Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, v. 13, n. 1, p. 227-244, 2017. <https://doi.org/10.17648/eidea-13-1526>.
- AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. Trad. Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.
- ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução e notas de Manuel Alexandre Junior et al. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 2005.
- BAND JORNALISMO. DEBATE NA BAND: PRESIDENCIAL 2022 — SEGUNDO TURNO. 16 out. 2022. *Youtube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iYVklCels60>. Acessado em: 31 aug. 2024.
- BRAGA, D. *Prós e Contras: o debate político televisivo como sub-gênero/sub-tipo de interação verbal*, *Revista Galega de Filoloxía*, Universidade da Coruña, n. 7, p. 29-65, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2183/2627>. Acesso em: 31 aug. 2024.
- BRINTON, A. A rhetorical view of the ad hominem. *Australasian Journal of Philosophy*, v. 63, n. 1, p. 50-63, 1985.
- COURTINE, J.-J. Os deslizamentos do espetáculo político. In: GREGOLIN, M.R. (Org). *Discurso e mídia. A cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2004. p. 21-34.
- CULPEPER, J. *Impoliteness: using language to cause offense*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FIORIN, J. L. *Argumentação*. São Paulo: Contexto, 2015.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les interactions verbales 1: Approche interactionnelle et structure des conversations*. Paris: Armand Colin, 1990.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Análise da conversação: princípios e métodos*. Trad. Carlos P. Filho. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- MATEUS, S. *Introdução à retórica no séc. XXI*. Covilhã: LabCom.IFP, 2018.
- PERELMAN, C.; TYTECA, L. O. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. 3 ed. Trad. Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- PIRIS, Eduardo Lopes. Argumentação erística nas interações digitais: uma polêmica médica sobre a cloroquina no Debate 360 da CNN Brasil. *Rev. Estud. Ling.*, Belo Horizonte, v. 29, n. 4, p. 2289-2333, 2021.
- SCHOPENHAUER, A. *A arte de ter razão exposta em 38 estratagemas*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- SILVA, R. B.; SANTOS, M. F. O.; SANTOS, J. M. A persuasão textual nas tentativas de persuadir do debate político presidencial brasileiro. *Cadernos de Linguística*, v. 1, n. 2, p. 01-17, 2020.
- WALTON, D. *The New Dialectic: Conversational Contexts of Argument*. Toronto: University of Toronto Press, 1998.